

## O código como “meio” na educação midiática

O ensino sobre os códigos digitais pode ir além da programação

Autor

[Richard Romancini](#)



Uma ideia importante defendida pelo teórico da mídia Marshal McLuhan (1911-1980) foi a de que os meios de comunicação possuem relevância social não tanto pelas mensagens específicas que transmitem, mas sim pelos tipos de comportamento e atitudes mentais que induzem.

As modificações paulatinas no ambiente social favorecidas pelos meios produzem mudanças de larga escala, capazes de moldar padrões de civilização. Assim, a “mensagem” do meio-livro teria sido o fortalecimento do individualismo, bem como do pensamento lógico e sequencial que se relacionam às formas de consumo do impresso. A televisão, por sua vez, teria permitido uma nova emergência de formas comunais de sociabilidade, produzindo o que o autor canadense chamou de “aldeia global”.

Dando continuidade e lançando novas ideias a respeito do argumento de McLuhan, Lev Manovich defende que nos dias atuais o software tornou-se o principal “meio” de nosso tempo. Isto ocorre porque o software tornou-se uma forma ubíqua que perpassa diferentes práticas atuais, como produzir um blog, fazer buscas ou compras na internet, armazenar digitalmente algum conteúdo, entre outras.

Manovich,  
[num texto de 2013](#)

, fez uma indagação que ganha mais sentido ainda hoje, com a eleição de um político como Donald Trump: “Como determinados algoritmos utilizados pelo Facebook para decidir quais atualizações de nossos amigos são mostradas em nosso feed de notícias conformam nosso entendimento do mundo?”.

O assunto “código como meio” ganha interesse do ponto de vista da educação midiática, pois indica que a temática da codificação pode ser abordada a partir de uma perspectiva mais ampla. Geralmente, a inserção do assunto na educação básica no Brasil e no mundo tem se dado pelo ensino de determinada linguagem de programação, o que se relaciona a uma dimensão mais pragmática ou mecânica do tema. No entanto, há outras dimensões que podem ser exploradas em termos educativos.

Num  
[artigo interessante](#)

para pensar sobre o desenvolvimento curricular a respeito do que chamam de “letramento em codificação” (code literacy), Tomi Dufva e Mikko Dufva defendem que uma aprendizagem deste tipo esteja vinculada também à compreensão dos efeitos das tecnologias digitais na sociedade. Seguindo as ideias de Paulo Freire, eles consideram que promover a “formação” sobre as tecnologias é mais importante do que “treinar” os estudantes.

Os autores sintetizam “metáforas” de compreensão a respeito dos códigos digitais em grupos ligados a visões de mundo funcionalistas (com metáforas mecânicas, orgânicas, cerebrais e transformativas), interpretativas (com metáforas que relacionam os códigos à cultura, ao sistema político, a prisões psíquicas e como instrumentos de dominação) e pós-moderna (com uma metáfora “carnavalesca”, na qual podem existir múltiplas percepções sobre o código).

O que é interessante na discussão dos autores é que ela convida os professores a pensarem sobre a racionalidade subjacente às escolhas curriculares e de atividades de ensino em relação a este tópico. As metáforas cerebrais e transformativas, por exemplo, podem conduzir a projetos nos quais a codificação volte-se à resolução de problemas sociais que afetem os estudantes, fazendo com que a atividade de codificação conecte-se mais facilmente com situações da vida real. O mesmo ocorre, sob a metáfora cultural, quando se coloca em discussão a natureza aberta ou proprietária dos softwares e as implicações deste fato na sociedade. Os autores fornecem outros exemplos, mas estes parecem suficientes para o tipo de discussão proposta por eles.

Enfim, não se trata de dizer que a ênfase na lógica e na matemática presente no ensino de codificação, tal como geralmente ocorre hoje, é sem valor, mas sim que pode ser insuficiente ou mesmo pouco refletida em termos de seu significado educativo.

O Instituto Claro abre espaço para seus colonistas expressarem livremente suas opiniões. O conteúdo de seus artigos não necessariamente reflete o posicionamento do Instituto Claro sobre os assuntos tratados.

Autor  
[Richard Romancini](#)

Richard é doutor em Comunicação, pesquisador e professor do curso de pós-graduação lato-sensu em Educomunicação da ECA-USP.